

## CONTRIBUIÇÕES DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO PARA O ENSINO DE VERBOS NO ENSINO MÉDIO

Fernanda Carolina MENDES<sup>1</sup> (UFG)

Pôster – VI Semana de Integração

### Resumo

Nesta pesquisa, busca-se apresentar algumas contribuições funcionalistas para o ensino de verbos no ensino médio. Entende-se que a ênfase no exame dos aspectos flexionais dessa classe de palavras em sala de aula tende a tornar mecânica a capacidade analítica do aluno não só em relação ao exame da categoria verbo, mas de toda a língua, de modo a não se atentar para os aspectos semânticos e discursivo-pragmáticos envolvidos no uso da linguagem. Aqui, deixa-se clara a importância de se estudarem aspectos formais dessa classe de palavras, tal como propõe a tradição, contudo entende-se ser necessário também promover a reflexão do aluno acerca de questões relacionadas à manifestação da categoria verbo no uso efetivo da língua, principalmente na fala. Em função disso, buscou-se, inicialmente, problematizar a conceituação da categoria verbo com base em alguns livros didáticos. Em seguida, apresentaram-se três importantes contribuições funcionalistas para o tratamento dessa classe de palavras: 1) a prototipia e a gramaticalização nos verbos, 2) a gradiência da transitividade, e 3) as embreagens verbais. Neste trabalho, parte-se de pressupostos básicos do funcionalismo norte-americano (BYBEE, 2003; HOPPER; THOMPSON, 1980), segundo o qual a língua se realiza na interação e de que uso é fundamental na atualização da expressão linguística. Como resultados, verificou-se que alguns conceitos funcionalistas, juntamente com a proposta das embreagens verbais desenvolvida por Fiorin (1996), propiciam reflexões fundamentais não só para se pensar o ensino produtivo e crítico da categoria verbo, mas para a compreensão de aspectos mais gerais ligados à organização e à estruturação da própria língua.

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Ensino. Verbo. Embreagens verbais.

### Introdução

Pretende-se, neste artigo, tecer considerações acerca do ensino de verbos no Ensino Médio, bem como apresentar uma proposta mais produtiva para a abordagem desse assunto em sala de aula à luz do Funcionalismo linguístico. Este trabalho se justifica na medida em que, no ensino médio, essa classe de palavras tem sido abordada principalmente em seus aspectos estruturais, sobretudo, os ligados à flexão, como constata vários estudos (NEVES, 1990; GERALDI, 1997; e ANTUNES, 1997). Pouca atenção é dada à funcionalidade que o

<sup>1</sup> Fernanda MENDES, mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás. Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: fernandacarolinamendes@hotmail.com

verbo apresenta do ponto de vista, por exemplo, da progressão de uma narrativa, da sua dinamicidade temporal, da argumentatividade etc.

Sabe-se, todavia, que a tendência ao enfoque de aspectos estruturais não ocorre apenas no ensino dos verbos, mas da maioria das outras classes de palavra. A essa prática subjaz a perspectiva segundo a qual a língua constitui expressão do pensamento (TRAVAGLIA, 1996), é tomada como um conjunto de regras, que atua como instrumento de comunicação. Estabelecer uma ruptura com essa tendência é uma tarefa bastante desafiadora, haja vista que se trata de uma concepção de linguagem fortemente presente no ao ensino de língua materna nas escolas, cuja origem remete à Grécia Antiga (MATTOS E SILVA, 1994), perpassa a Idade Média nos mosteiros e conventos, e vem para o Brasil no modelo de escola jesuítica.

Ressalta-se que se partirá, neste artigo, de teorias funcionais de descrição linguística (e não de teorias com a finalidade primeira de aplicação ao ensino), a fim propor reflexões para o estudo de verbos nas escolas de Ensino Médio. Aqui se irá recorrer principalmente a autores do Funcionalismo Norte-Americano, a fim de retomar as contribuições mais importantes que essa vertente funcionalista oferece ao tratamento da categoria verbo. Será retomada também uma proposta para a análise do mecanismo de troca dos tempos verbais, de Fiorin (1996), numa perspectiva enunciativa.

## 1 O tratamento do verbo em livros didáticos

Inicialmente, buscou-se examinar o conceito de verbo em dois livros didáticos de língua portuguesa bastante utilizados no ensino médio nas escolas brasileiras. Nessa análise, tomou-se como base a proposta de Câmara Jr. (2001), que considera a existência de três critérios de definição das classes de palavra: 1) o semântico, que se refere ao universo biossocial; 2) o formal/morfológico, que está centrado em aspectos formais dos vocábulos; e 3) o funcional, que diz respeito à função que um vocábulo tem em relação aos outros na sentença.

No livro *Aprender e praticar gramática*, de Ferreira (2003, p. 239), o verbo é definido como “a palavra que, por si só, exprime um fato (em geral, ação, estado ou fenômeno) e localiza-o no tempo.” Em seguida, há um quadro com duas observações: 1) há verbos que



1059

exprimem outros tipos de “fato” diferentes desses três, e 2) há outras classes de palavra que podem indicar ações, estados e fenômenos, mas sem situá-los no tempo. Nota-se que o autor define verbo com base no critério semântico ou nocional, haja vista que ele busca explicitar o referente que o termo “verbo” denota.

Já no livro *Português: contexto, interlocução e sentido*, Abaurre et al. (2013, p. 258) definem verbo como a palavra que “pode variar em número, pessoa, modo, tempo e voz, indicando ações, processos, estados, mudanças de estado e manifestação de fenômenos da natureza.” (ABAURRE ET AL., 2013, p. 258). Posteriormente, o livro apresenta uma seção intitulada “funções sintáticas”, em que se fala sobre o papel do verbo na sintaxe. Nessa seção, atribui-se ao verbo a função de núcleo do predicado e se apresentam os tipos de predicado dos quais ele pode núcleo. Há, após a definição de cada classe de palavras, uma seção para apresentar resumidamente as funções sintáticas que aquela classe pode exercer.

Observa-se que Abaurre et al. (2013) definem verbo com base, primeiramente, no critério morfológico, quando dizem que ele é a palavra que se flexiona em número, pessoa, modo, tempo e voz. Em seguida, verifica-se a utilização do critério semântico ao afirmarem que o verbo pode indicar ações, processos, estados, mudanças de estado e fenômenos da natureza.

Defende-se, aqui, que a definição da categoria verbo apresentada pelo docente em sala de aula não deve se basear em apenas um critério de análise linguística. A fim de que haja maior eficácia e precisão conceitual, há que se definir essa classe de palavras com base nos aspectos morfológico, sintático e semântico, tal como defende Pinilla (2007).

## 2 Uma proposta funcional para o ensino de verbos no ensino médio

Frente às várias contribuições funcionalistas para a reflexão sobre a linguagem e, mais especificamente, sobre a categoria dos verbos, optou-se, neste artigo, por versar sobre três delas, que são fundamentais para que o assunto em questão seja trabalhado de maneira mais produtiva em sala de aula: 1) a prototipia e a gramaticalização nos verbos, 2) a gradiência do fenômeno da transitividade e 3) as embreagens dos tempos verbais.

## 2.1 A prototipia e a gramaticalização nos verbos

Antes de se iniciar um estudo mais aprofundado das classes de palavra na escola, é interessante instigar o aluno a refletir sobre aspectos mais gerais da linguagem, como, por exemplo, o processo de surgimento e estruturação de uma língua. A consideração de que, primeiramente, surgem termos para nomear os objetos mais básicos da experiência e de que à medida que tais termos vão sendo frequentemente repetidos na linguagem, eles começam a passar por uma série de modificações parece ser plausível para a compreensão de fenômenos de mudança que ocorrem na passagem do léxico para a gramática, tal como explica a teoria da gramaticalização.

Em razão da alta frequência de uso de uma palavra, inicia-se o chamado *bleaching* ou enfraquecimento semântico (BYBEE, 2003, p. 604), processo em que ocorre o deslizamento de um domínio concreto para um domínio mais abstrato. Em relação à fonologia, verifica-se que geralmente o termo passa por processos de redução fonológica. Do ponto de vista morfológico, ocorrem restrições flexionais, podendo o item tornar-se invariável, como é o caso das conjunções, por exemplo. Por fim, do ponto de vista sintático, o item passa ter menor variabilidade de posição na sentença, ou seja, passa a ocupar uma posição mais fixa. É com base no pensamento de que os itens vão, progressivamente, tornando-se elementos gramaticais (ora em maior grau, ora em menor) que se deve pensar nas classes de palavra. Diferentemente da gramática tradicional, que busca estabelecer categorias rigidamente delimitadas, o Funcionalismo considera a fluidez categorial como um de seus princípios básicos. É a partir dessas considerações, portanto, que se deve pensar a categoria dos verbos.

Na aplicação da Teoria da Gramaticalização ao ensino, é necessário levar o aluno a perceber que os verbos surgem, portanto, em sentido pleno e denotam, inicialmente, as ações mais básicas e concretas da experiência humana. À proporção que eles vão sendo repetidamente usados na linguagem, passam a figurar sentidos mais abstratos. É o que se observa no quadro a seguir, em que há alguns exemplos extraídos do *corpus* do projeto Fala Goiana<sup>2</sup>, de inquéritos do grupo Discurso & Gramática<sup>3</sup> e também de dados não

<sup>2</sup> O Fala Goiana, coordenado pela Profa. Vânia Cristina Casseb-Galvão, é um projeto desenvolvido por pesquisadores da UFG e da UEG e visa à constituição de um *corpus* de língua falada em Goiás.

sistematizados (ou seja, usos que comumente ocorrem na fala, mas que não foram identificados nos *corpora* analisados):

**Quadro 1:** Sentido pleno e sentido mais abstratizado de alguns verbos

Verbos	Sentido pleno	Sentido mais abstratizado
<i>Ver</i>	e diz ela que <i>viu</i> um bicho muito feio lá... e ela saiu correno... (FG, MRDA, F, 70) <sup>4</sup> .	Eu tava <i>veno</i> qu/eu ia ganhá uns três, dois real oia a diferença onde foi... né? (FG, JS, M, 26).
<i>Cortar</i>	Daí quando... <i>cortô</i> a perna dela [da vizinha] de cima assim... no mei da canela (FG, JCS, M, 72).	Ajudava um pôco... daí quando... quando o Collor entrô... <i>cortô</i> a aposentadoria dela... (FG, JCS, M, 72).
<i>Achar</i>	o cavalo saiu do/tro lado sozim... aí ele morreu afogado... chamaram o corpo de bobero... <i>achô</i> uns... dois dias ô três depo:is... já tinha morrido né? (FG, DMC, M, 25).	... se ele iscoieiu nós é purquê <i>achô</i> nós suficiente pra ele concordá... mas justamente purquê?... nós num bebemo cachaça... na vista dele... (FG, BFS, M, 65).

## 2.2 A gradiência do fenômeno da transitividade

Diferentemente da gramática normativa, segundo a qual a transitividade está centrada essencialmente no verbo, o Funcionalismo Norte-Americano entende a transitividade como uma propriedade de toda a sentença/enunciado. Uma das propostas mais aceitas para determinação do grau de transitividade de uma proposição é a de Hopper e Thompson (1980), que entendem a transitividade como um fenômeno escalar, gradual e não categórico. Tais autores propõem um conjunto de dez parâmetros a serem analisados, como se observa a seguir:

<sup>3</sup> No grupo Discurso e Gramática, que é de orientação funcionalista, foram coletados dados de fala do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Norte. Disponível em: (<<http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>>).

<sup>4</sup> Entre parênteses, há as iniciais do projeto Fala Goiana (FG) ou Discurso e Gramática (DG), seguidas do nome do informante, sexo (F para feminino e M para masculino) e idade.

**Quadro 2:** Parâmetros de transitividade

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
10. Individuação	Individuado	Não individuado

Fonte: Furtado da Cunha & Souza (2011, p. 47).

A fim de melhor caracterizar cada um dos parâmetros de transitividade, fazem-se as observações seguintes:

1. Participantes: Relação de proporção:  $\uparrow^5$  quantidade de participantes =  $\uparrow$  transitividade.
2. Cinese: refere-se à quantidade de movimento do evento expresso pelo verbo. Relação de proporção:  $\uparrow$  quantidade de movimento =  $\uparrow$  transitividade.
3. Aspecto: nesse contexto, diz respeito à conclusão do evento expresso pelo verbo. Relação de proporção:  $\uparrow$  perfectividade =  $\downarrow$  transitividade.
4. Pontualidade: refere-se à duração do evento descrito pelo verbo. Relação de proporção:  $\uparrow$  duração =  $\downarrow$  transitividade.
5. Intencionalidade: é o grau de propósito que o sujeito tem ao realizar uma ação. Relação de proporção:  $\uparrow$  realização intencional =  $\uparrow$  transitividade.
6. Polaridade: a polaridade consiste na presença de negação na sentença. Relação de proporção: negação =  $\downarrow$  transitividade.
7. Modalidade: o parâmetro da modalidade compreende a distinção entre eventos factuais e eventos possíveis. Relação de proporção:  $\uparrow$  certeza =  $\uparrow$  transitividade.
8. Agentividade: consiste na capacidade de o(s) participante(s) ser agente, principalmente, pelo traço [+] animado e [+] controle. Relação:  $\uparrow$  agentividade =  $\uparrow$  transitividade.

<sup>5</sup> O sinal  $\uparrow$  equivale a “(quanto) maior”, em oposição ao sinal  $\downarrow$ , que indica “(quanto) menor”.

9. Afetamento: refere-se ao grau de modificação pelo qual passa o participante em razão da ação realizada. Relação de proporção:  $\uparrow$  afetamento =  $\uparrow$  transitividade.

Com base nos parâmetros 4, 8 e 9, é possível afirmar, por exemplo, que:

- i. a sentença “Dancei a noite toda” é menos transitiva do que “Pisquei ”, já que, na segunda, a ação descrita é muito mais pontual que a da primeira sentença,
- ii. com base no parâmetro da agentividade, a sentença “A professora me assustou” é mais transitiva do que “Aquela prova de cálculo me assustou”, haja vista que, na primeira, o sujeito é [+ ] animado, [+ humano].
- iii. a sentença “Comi todo o bolo” é mais transitiva do que “Comi um pedaço do bolo”, dado que o grau de afetamento do objeto na primeira é maior.

A partir da visão de Hopper e Thompson (1980) brevemente apresentada, seria interessante, portanto, que o docente instigasse o aluno a refletir sobre a transitividade como um fenômeno gradiente/escalar, e não apenas como a tradição gramatical apresenta esse assunto, tipificando os verbos em rígidas categorias de regência.

### 2.3 Embreagem dos tempos verbais

Propõe-se, nesta seção, uma abordagem em sala de aula das chamadas “embreagens verbais”, utilizando-se de transposição didática adequada. Trata-se de um conceito formulado de maneira ainda incipiente por Greimas e Courtès (1979 *apud* Fiorin 1996) e que foi trabalhado, com maior profundidade e sistematização, por Fiorin (1996) na obra intitulada *As astúcias da enunciação*. Entende-se que Fiorin (1996), conquanto não seja um autor funcionalista<sup>6</sup>, considera fundamentalmente a influência da interação no uso dos tempos verbais e se mostra, portanto, bastante compatível com as propostas do Funcionalismo.

A embreagem é definida como o efeito gerado pelo retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de tempo, pessoa e espaço. Trata-se de um fenômeno bastante recorrente na linguagem, sobretudo oral, e na linguagem escrita e que ocorre por

<sup>6</sup> Ressalta-se que há vários autores funcionalistas que versam sobre o tema, contudo, não de maneira tão sistematizada. Em razão disso, optou-se pelo trabalho de Fiorin (1996).

meio da substituição de um tempo pelo outro, com a finalidade de gerar determinado efeito de sentido.

São variadas as possibilidades de emprego de um tempo em lugar de outro. Mostram-se, a seguir, algumas delas:

1) Uso do presente no lugar no pretérito perfeito:

Ex.1: Naquele dia, **entro** no meu quarto e tudo *está* fora do lugar.

Ex.2: Em 29 de setembro de 1992, a Câmara dos Deputados **aprova** o impeachment do então presidente Collor.

Nesse caso, o uso do tempo verbal no presente do indicativo gera uma presentificação do passado, para mostrar que ele ressoa no presente e/ou para gerar um efeito imagético no interlocutor, de modo a levá-lo a imaginar o evento descrito, como se estivesse vivendo exatamente aquele acontecimento.

2) Uso do pretérito perfeito no lugar do presente do indicativo:

Ex.1: “- Não vai ser o meu estilo de governo como não **foi** o do presidente Itamar Franco o de surpreender o país (F. Henrique)

Em primeiro lugar, Itamar ainda não foi, pelo menos, não formalmente<sup>7</sup>.” (Nelson de Sá. *Folha de São Paulo*, 18/11/1994, p.1-5).

No contexto, Itamar Franco ainda era o presidente da República e Fernando Henrique foi entrevistado após vencer as eleições, mas antes de tomar posse. O uso do pretérito perfeito gera a ideia de que o fato que ainda está em curso (imperfectivo) é passado (perfectivo), ou seja, há uma absoluta certeza sobre o seu fim a ponto de ser considerado já acabado.

3) Uso do futuro do presente no lugar do presente do indicativo:

Ex. 1: Por onde **andar**á o João, que não vejo há dias?

Ex. 2: Não **direi** que o moço é bonito, mas tem um olhar penetrante.

No exemplo 1, observa-se que, por meio do uso do futuro no lugar no presente, expressa-se dúvida, incerteza, possibilidade. É um valor diferente do que ocorre em 3, em que essa substituição dos tempos tem valor modalizador, uma vez que expressa uma atenuação da afirmação de que o moço não era bonito.

<sup>7</sup> Exemplo retirado de Fiorin (1996).

4) Uso do presente do indicativo no lugar do futuro do presente:

Ex. 1: Depois que eu voltar, *limpo* a casa.

Ex. 2: Se o salário não aumentar, *peço* demissão.

Como se pode notar nos exemplos, o presente do indicativo é usado no lugar do futuro do presente a fim de gerar efeito de certeza, de factualidade.

5) Uso do pretérito imperfeito do indicativo no lugar do futuro do pretérito:

Ex. 1: Você *podia* me passar seu número de telefone, por favor?

Ex. 2: Se me deixassem escolher o lugar da viagem, eu *escolhia* ir para o México.

Nos exemplos 1 e 2 da possibilidade 5 de embreagem de tempo verbal, o pretérito imperfeito do indicativo (*podia, escolhia*) é empregado no lugar do futuro do pretérito (*poderia, escolheria*) como forma de se expressar polidez e cortesia em alguns contextos.

As embreagens temporais ocorrem pela necessidade do enunciador/observador de produzir efeitos de sentido em situações específicas de interação verbal. Nesse sentido, reitera-se a proposta de o professor de língua materna trabalhar os tempos verbais como recurso para situar os eventos no tempo e, mais do que isso, como recurso para criar efeitos de sentido e alertar para seus contextos de uso.

### Considerações finais

Neste trabalho, verificou-se que apresentar, em sala de aula, as classes de palavra dentro de um *continuum* de gramaticalização é, sem dúvidas, bastante enriquecedor à compreensão discente acerca da tendência que os itens têm de passar por processos de dessemantização, de restrição distribucional na sentença, de restrição flexional e de redução fonológica. A percepção da transitividade como um fenômeno escalar possibilita o aluno, assim como a noção de prototipia, a pensar que não só as sentenças apresentam vários graus de transitividade, mas também, por inferência, que todos os outros fenômenos linguísticos manifestam-se de maneira gradual. O estudo dos mecanismos de embreagem verbal, como foi visto, pode conferir ao aluno maior capacidade de percepção dos efeitos de sentido gerados pela troca de um tempo verbal por outro.

Como foi possível perceber, as referidas contribuições apontam para a necessidade de



1066

se levar para a sala de aula a consideração do uso como um fator fundamental na (re)configuração das funções sintáticas, semânticas e pragmáticas a que a categoria verbo (e todas as demais classes de palavra) está sujeita. Verificou-se também que a extensão de alguns desses aspectos, como a gramaticalização e a gradiência da transitividade, para outras classes de palavra (ou, ainda, outros fenômenos linguísticos) contribui significativamente para um maior entendimento do aluno acerca dos processos de estruturação e uso da língua.

## Referências

ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernardete; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2013.

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.

BYBEE, Joan. Cognitive Processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, Michael. (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 145-167.

CÂMARA JR, Joaquim. A classificação dos vocábulos formais. In: CÂMARA JR. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 77-80.

CEZÁRIO, Maria Maura. A integração de orações com os verbos querer, mandar e deixar. In: **Cadernos do CNLF**, série IV, n.2, 2000. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ02\\_43-58.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ02_43-58.html)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/discursoegramatica>>. Acesso: 29 nov. 2014.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2003.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, p. 251-299, 1980.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.



1067

**PCN+. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

PINILLA, Maria Aparecida M. Classe de palavras. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). **Ensino de Gramática:** descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007; p. 169-182.